

## João Affonso: O Homem Que Escreveu o Primeiro Livro de História da Moda no Brasil

Fernando Hage – Mestrando em Moda, Cultura e Arte (Senac SP)

### Resumo:

Este artigo busca construir uma breve trajetória da carreira de João Affonso do Nascimento (1855-1924), escritor maranhense que publicou em 1923 em Belém o livro *Três Séculos de Modas*, primeiro livro de história da moda escrito no Brasil, mostrando a importância de sua produção na imprensa do norte do país como desenhista, escritor, crítico de arte e historiador.

**Palavras-Chaves:** Biografia, História da Imprensa, Moda

### Summary:

This article aims to construct a brief history on the career of João Affonso do Nascimento (1855-1924), a writer from Maranhão who published in 1923 in Belém (Pará) the book *Three Centuries of Fashion*, the first book of fashion history written in Brazil, showing the importance of its production in the North Brazil press as a caricaturist, writer, art critic and historian.

**Keywords:** Biography, Press History, Fashion

Este é um breve percurso histórico de uma grande figura. Filho de uma costureira e de um comerciante, João Affonso do Nascimento nasceu em 1855 em São Luís do Maranhão. Autodidata, ele uniu seu ensino fundamental no Liceu Maranhense com uma vontade de aprender e se expressar que lhe levou à lugares como Belém, Manaus, Lisboa e Paris.

Em 69 anos de vida, João Affonso dedicou mais de 50 anos de sua carreira à imprensa do Maranhão e das duas principais capitais amazônicas. Foram mais de 17 publicações, onde ele pode exercitar diversas facetas como tradutor, desenhista, jornalista, escritor, crítico literário, teatrólogo, crítico de arte e historiador.

*Joafnas*, apelido que ele assinou na *Folha do Norte* de Belém durante todo o século XX, e como ficou lembrado por seus familiares, foi um fiel representante de sua época, se expressando através das idéias em voga do final do século XIX ao momento da belle époque, momento áureo da economia amazônica que entrou em crise a partir da segunda década do século XX.

João Affonso faleceu na capital paraense em 17 de abril de 1924. No dia seguinte publicava a *Província do Pará*: “Belém intelectual sofreu ontem a perda de um dos seus mais velhos e brilhantes escritores, um dedicado pela arte, em prol da qual sempre batalhou neste Estado”<sup>1</sup>.

Atuando em Maranhão entre os anos de 1872 e 1880, João Affonso é reconhecido em sua cidade natal por sua atuação pioneira na Revista A Flecha (1879-1880) como um importante caricaturista que usava o desenho como

---

<sup>1</sup> Província do Pará, *Falecimentos*, 18 maio de 1924.

forma de crítica aos problemas da sociedade, além de retratar também os costumes negros em São Luís em seus desenhos<sup>2</sup>.

O maior reconhecimento de João Affonso, no entanto, não vem do seu pioneirismo no que é considerado por historiadores como Maria do Carmo Teixeira Rainho e Rita Andrade, o primeiro livro de moda escrito e publicado no Brasil, *Três Séculos de Modas*.

Escrito entre os anos de 1915 e 1916, mas somente impresso no ano de 1923, o livro fez parte das comemorações do Tricentenário da Fundação de Belém, e decidiu-se pela sua criação a partir de uma comissão organizadora dos festejos da qual participava o próprio João Affonso, que ficou encarregado de escrever esta obra. Soubesse ou não João Affonso, mas ele escreveu o primeiro livro de história da moda escrito no Brasil, lembrado pelo jornalista Murilo Menezes em 1930 da seguinte forma:

Esta obra, inteiriça, fruto de pacientes pesquisas, além do seu valor como obra de informação fidedigna e pitoresca da história da indumentária através da civilização, vinha confirmar os seus predicados de fino observador, espírito culto e viajado, e, sobretudo, como crítico de arte<sup>3</sup>.

Álvara, de 96 anos, é uma dos vinte e um netos que João Affonso teve. Na oportunidade que tive de conhecê-la, apesar da idade, Álvara lembra bem que seu avô havia escrito um livro de moda, e isso me falava em tom de orgulho. Outros familiares do autor, como sua bisneta Maria Beatriz Maneschy, e o arquiteto Flávio Nassar, que mantém algumas obras da biblioteca de João Affonso em sua casa, não sabem muito bem por que João Affonso escreveu um livro sobre moda<sup>4</sup>.

Se este livro de história da moda foi escrito por João Affonso, seu conhecimento aprofundado das artes e suas características como um exímio observador e escritor, com mais de 20 anos de carreira jornalística apenas em Belém, talvez fossem os motivos que fariam dele a pessoa mais adequada para escrever esta obra.

O poeta Paulo Mendes, neto do escritor, escreveu na segunda edição de *Três Séculos de Modas* um prefácio que mostra uma boa parcela da trajetória de João Affonso<sup>5</sup>. Foi ao conhecer essa trajetória que me interessei em conhecer quem era essa pessoa que escreveu o primeiro livro de moda do Brasil, mais do que porque esse livro foi escrito, já que diferente do que alguns círculos pronunciam, o interesse acadêmico pela moda não é de forma alguma uma questão recente<sup>6</sup>.

Como o intelectual fala em um de seus textos em 1914, ele trabalhou muitas vezes como um “obscuro peão” dentro da imprensa, e sua atuação,

---

<sup>2</sup> Ver ARAÚJO, Iramir. **Flechadas de ironia: o jornalismo satírico no Maranhão do século XIX**, 2007 e FERRETTI, Sérgio. **Negras Memórias**, 2007.

<sup>3</sup> Folha do Norte, *João Affonso do Nascimento – Palavras de Saudade*, 01 de janeiro de 1930.

<sup>4</sup> Entrevistas realizadas em janeiro de 2010, onde me foram apresentadas obras do autor e objetos pessoais, além dos relatos familiares.

<sup>5</sup> MENDES, Paulo. Notícias de João Affonso. In: *Três Séculos de Modas*, 1976.

<sup>6</sup> Ver JOHSON, TORNTORE e EICHER (Org.). *Fashion Foundations*, 2003.

como de muitos que trabalharam na imprensa periódica do século XIX e das primeiras décadas do século XX, acabou desconhecida.

Durante dois anos, tive a oportunidade de manter contato com mais de 200 textos e um número grande de ilustrações que João Affonso criou, tendo a certeza que sua atuação tem muita importância para a história tanto regional no Maranhão e no Pará, quanto dentro de um panorama intelectual brasileiro.

O próprio intelectual ajudou a escrever sua história em textos publicados em 1914 na Folha do Norte. *Curriculum Vitae, Em Prosa e Verso e Meu Fatinho de Casimira* são crônicas de sua própria vida, destacando sua atuação na imprensa e lembranças de sua infância no Maranhão. Essas histórias, juntas ao primeiro relato de Paulo Mendes, e mais algumas questões que desenvolvi durante minha pesquisa, traçam aqui uma trajetória das diversas áreas e periódicos que João Affonso atuou, na intenção de evidenciar a importância de sua produção, e como isso nos levará até a moda.

*João Affonso do Nascimento.* Cidadão brasileiro, casado, despachante geral, conhecido fabricante da FLECHA por dentro e por fora. Nem alto nem baixo, mais magro que gordo, inofensivo quando dorme, nariz vermelho, olhos de cor duvidosa, cabelos curtos e ressos, bigode transparente, barba deserta, fato de casimira cor de castanha, três anéis num só dedo. Signaes particulares: Tem a mania de endireitar o gênero humano, usa às vezes bengala preta e quando assigna caricaturas com J.A supõe que isso quer dizer João Affonso<sup>7</sup>.

João Affonso nasceu em uma época onde jornais e livros estrangeiros não eram mais proibidos, como haviam sido antes da chegada da Família Real ao Brasil em 1808, e o Maranhão, nos anos de 1830, passara por um movimento que importante na literatura local com o poeta Gonçalves Dias, uma importante figura para a consolidação da literatura romântica no país inteiro, que refletiria também no desenvolvimento da imprensa local.

Estudante do Liceu Maranhense, considerado a mais importante instituição de ensino da região, João Affonso aos 17 anos já começava sua carreira na imprensa, trabalhando como tradutor de contos de Alfred de Musset para o jornal *O Domingo*, de Arthur Azevedo.

Literatura e imprensa andaram muito próximas no tempo de João Affonso, pois eram nos jornais que muitos contos eram publicados, fossem eles traduzidos ou escritos por intelectuais locais. Além do mais, importantes escritores do século XIX começaram escrevendo em jornais e revistas periódicas que circulavam pelo país. Esse é o caso de famosos escritores como Machado de Assis, Eça de Queiroz e dos nem tão famosos como o próprio João Affonso.

João Affonso ainda colaboraria como tradutor no Maranhão em o *Jornal Para Todos* (1876) e *A Pacotilha* (1880), onde traduziria um conto de Flaubert, mas é durante esse período de cinco anos, entre 1876 e 1880, que João Affonso começa a assinar seus próprios textos, e também suas próprias caricaturas. Na verdade não exatamente seu nome, pois nos jornais que João Affonso trabalhou assinavam-se apenas pseudônimos.

---

<sup>7</sup> Revista A Flecha, n.47, 1879.

Em 1914, revivendo memórias, João Affonso escreve sobre o “pôr de pseudônimos sem pés nem cabeça, que semeou ao longo de sua vida literato-miry”. Em seu trabalho mais reconhecido, a revista *A Flecha*, onde se falavam sobre os assuntos cotidianos com humor crítico, João Affonso assinaria com os mais diversos pseudônimos possíveis, de *Binocolini*, *Bisbilhoteiro*, *Pim-pom* e *Catacuba*.

Quase tudo o que foi escrito na revista vinha somente de sua cabeça. Disse ele no mesmo texto de 1914: “Ficava eu na contingência de inventar pseudônimos variados, para disfarçar quanto possível aos olhos do público, a circunstância de ser tudo escrito por uma só e mesma pessoa”<sup>8</sup>.

Sozinho João Affonso também escreveu *O Malho*, “folhetinhos” de 100 páginas que circularam em 1880, mas sua trajetória não é solitária como pode parecer. O jovem João Affonso fez parte de um grupo de intelectuais que começou a se conhecer através de Celso Magalhães, bacharel em direito pela Escola de Recife, que editava o *Jornal Para Todos*. Eram eles João Affonso, Victor Lobato, Alfredo Queiroz e Aluísio Azevedo, entre outros.

Esse último, Aluísio Azevedo, é do grupo a figura mais conhecida na literatura brasileira, por ser o introdutor junto com Machado de Assis do estilo realista. Aluísio publicou *O Mulato* em 1880, considerado o primeiro romance naturalista do país, e era de João Affonso o manuscrito desta publicação<sup>9</sup>. Segundo Eça de Queiroz:

O Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; - o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para condenar o que houve mau na nossa sociedade<sup>10</sup>.

Toda a geração de João Affonso foi influenciada pelas idéias que estavam por trás da corrente realista na literatura. Em um sentido amplo, havia uma reação aos padrões “atrasados” do Brasil, e buscava-se criticar esses modelos através de uma literatura onde escravidão, classes sociais, questões políticas e questões religiosas estavam em pauta.

Como cita Silvio Romero, a expressão da literatura “compreende todas as manifestações da inteligência de um povo: política, economia, arte, criações populares, ciências... e não, como era de costume supor-se no Brasil, somente as intituladas belas-letas”<sup>11</sup>.

O desenho foi uma das disciplinas que João Affonso cursou no Liceu Maranhense<sup>12</sup>, e sua carreira como caricaturista começou em 1877 no *Jornal Para Todos*, pioneiro no Maranhão com ilustrações intercaladas, mas foi em *A Flecha* (1879) que a cidade de São Luís teve a primeira revista completamente ilustrada. As revistas ilustradas foram um fenômeno no Brasil do final do século XIX, e a introdução do processo da litografia e o desenvolvimento do estilo da

---

<sup>8</sup> Folha do Norte, 17 maio 1914.

<sup>9</sup> MENDES, 1976, p.9.

<sup>10</sup> Apud NICOLA, 1997, p.115.

<sup>11</sup> ROMERO, 2009, s/n.

<sup>12</sup> Segundo Currículo apresentado em FERNANDES, 2003. (Ver Bibliografia)

caricatura ampliaram a influência dos periódicos na sociedade, principalmente como críticos do que acontecia no país no século XIX<sup>13</sup>.

Segundo o próprio João Affonso, suas caricaturas eram “algumas vezes furiosamente demagogas”<sup>14</sup>. As idéias republicanas, a crítica à igreja, a denúncia da miséria e da má administração pública eram temas recorrentes nas caricaturas publicadas em *A Flecha*, mas esse teor de crítica também começou a dividir espaço com o que Herman Lima intitula como “caricatura dos costumes”<sup>15</sup>. A caricatura dos costumes fala, com humor, das mais diferentes manifestações urbanas, sejam grandes acontecimentos ou pequenas mudanças de hábitos, ou mesmo figuras conhecidas (os chamados “typos”) que transitam pelo espaço social. As ruas, o carnaval, as procissões religiosas e o teatro são os principais temas explorados por uma geração inteira de caricaturistas brasileiros durante a segunda metade do século XIX.

Estes eram os temas que eram utilizados em *A Flecha*, e foram ainda mais explorados quando em Belém, João Affonso lançou *A Vida Paraense* em 1883, todos contendo uma visão “naturalista”, como uma visão que olha para a realidade comum e cotidiana para a construção de questionamentos e personagens, mostrando como a estética literária do “realismo” permeia toda a trajetória de João Affonso.

O primeiro conto literário publicado por João Affonso é “A Viúva”, contido na *Revista Amazônica* de 1883, quando João Affonso já residia em Belém. Casado com Maria Germiniana de Sousa, João Affonso em 1881 mudou-se para Belém, trocando seu emprego na Alfândega do Maranhão por um cargo de contador em uma firma comercial, mas é claro, não deixando de lado a imprensa. Segundo Veblen, sobre o trabalhador da imprensa:

Esse ofício exige mais do que a média das inteligências e do conhecimento gerais, e os homens que o exercem são mais prontos que os demais a tirar proveito da mudança de um lugar para o outro, de qualquer insignificante variação na demanda de seu labor. Por conseguinte, a inércia devida ao apego ao lugar também é insignificante<sup>16</sup>.

Assim, João Affonso vai aproveitar o desenvolvimento econômico que se inicia na Amazônia, começando como correspondente do jornal maranhense *A Pacotilha* na sessão *A Pacotilha no Pará*, e a partir de 1881 entrando na imprensa paraense no *Diário de Notícias*, passando para o *Diário do Gram-Pará* de 1882 até 1884.

Um ano antes, ele começa a publicar seu próprio periódico, *A Vida Paraense*, um retrato do cotidiano de uma Belém que começava a crescer devido ao aquecimento gradativo das exportações de borracha e da vida urbana, mas ainda com muitos problemas políticos e sociais, afinal o Brasil ainda não era uma República e muito menos havia abolido a escravidão.

Com traços ainda semelhantes com *A Flecha*, o periódico paraense tem na vida cotidiana sua maior expressividade. Nos dois periódicos, o teatro, por

---

<sup>13</sup> SODRÉ, 1977, p.223.

<sup>14</sup> Folha do Norte, 17 de maio de 1914.

<sup>15</sup> LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*, 1963.

<sup>16</sup> VEBLEN, Thorstein. *A Teoria da Classe Ociosa*, 1988, p.92.

exemplo, era uma pauta constante para desenhos e críticas textuais que João Affonso assinava como *Binocolini*.

A paixão pelo teatro era um fato conhecido pelos intelectuais próximos à João Affonso, tanto que já em 1881 ele participaria da *Revista Lyrica*, um libreto de ópera no qual ele fazia a crítica da execução durante o período de estadia da companhia *Passini* em Belém.

Foi o próprio crescimento da economia que fez com que João Affonso interrompesse a publicação de *A Vida Paraense*. Ele foi contratado pela casa comercial A. Berneaud e Cia, e fixou moradia em Manaus a partir de 1885, outra cidade que também crescia com a economia da borracha. Por lá João Affonso ficou dez anos, quando depois começou a alternar entre Belém e Manaus.

Mas não foram dez anos sem trabalhar na imprensa, pois o intelectual colaborou nos periódicos *Commercio do Amazonas*, onde escreveu um folhetim semanal “de sábado a sábado” com o pseudônimo de Dom Fuas; no *Diário de Manaus*, traduziu trechos de autores como Émile Zola, e no *Norte do Brasil* publicou o conto “O primeiro pecado de Alcibíades”, que ele denomina como um “conto paraense”<sup>17</sup>.

O papel de crítico teatral que João Affonso tinha em seus periódicos também chegou ao de crítico de artes. Nos últimos dois anos do século XIX, quando João Affonso colaborava no *Diário de Manaus*, lá ele publicou uma extensa crítica à uma obra de Aurélio de Figueiredo, alusiva à libertação dos escravos, que fora vendida ao Governo do Amazonas.

Na virada do século, João Affonso se tornaria sócio da firma onde começara a trabalhar, e em 1901 vai viver com suas riquezas e família completa em Paris, capital do país que João Affonso dominava a língua e também toda a cultura literária de sua época. Sem dúvida uma experiência única em sua vida, e que João Affonso faz questão de relatar na imprensa escrevendo entre os anos de 1901 e 1902 as *Cartas de Longe*, crônicas que mostram suas impressões ao chegar a Lisboa, onde passa algumas semanas, e relatos sobre sua estadia em Paris.

São esses textos que começam a mostrar o estilo de escrita que João Affonso desenvolverá a partir daí na *Folha do Norte*, jornal do qual ele se torna colaborador até o final da década de 1910, ficando conhecido como *Joafnas*. Teatro, artes, desenho, pintura, ciência, cotidiano e história, tudo isso caminhou diretamente para as colunas que o autor escreveria na *Folha do Norte* a partir da primeira década de 1900.

De correspondente de assuntos variados, João Affonso passa a ser um propagador de idéias na *Folha do Norte*, utilizando toda a sua base teórica misturada às novidades que ele obtinha através dos periódicos locais e internacionais para conversar aos domingos de forma leve e inteligente sobre os mais diversos assuntos que se possa imaginar.

*Não Cuspa No Chão, As Fealdades da Formosa Belém, Telegraphia Interplanetária, O Desenho ao Mesmo Tempo que o ABC, Do Convento ao Theatro e Amor Latino e Amor Londrino* são alguns dos textos que João Affonso publicaria na *Folha do Norte*.

Além da coluna semanal, até o final da década de 1900, João Affonso assinava como Pimentão uma pequena coluna chamada *Conversa Fiada*,

---

<sup>17</sup> *Folha do Norte*, 24 de maio 1914.

dedicada quase que exclusivamente para denunciar problemas da administração pública, principalmente em relação aos bondes elétricos, que já faziam parte de uma Belém urbana e com uma área central mais organizada pela administração de Antônio Lemos<sup>18</sup>.

Mas e a moda? O desenvolvimento do espaço urbano tem consigo o desenvolvimento do fenômeno da moda. Em Belém, por exemplo, lojas como Leão do Norte e Paris N'America são exemplos de grandes magazines que conectavam os consumidores paraenses aos produtos principalmente de origem francesa. Também funcionava em paralelo, um intercâmbio de informações com publicações importadas e jornais de moda como *A Moda Elegante*, anunciado, por exemplo, na Folha do Norte durante o ano de 1879.

Os primeiro texto que João Affonso escreveria efetivamente sobre o assunto “moda”, *O Comércio da Modas*, foi publicado em 1914 na Folha do Norte. Anteriormente, outros textos como *O Imperecível Cartola*, *As mulheres de calções através da Geografia e da História*, *Da cor branca no prazer e na dor* e *Por amor aos penduricalhos*, têm relação direta com o tema e são exemplos de como João Affonso tinha uma aptidão para construir crônicas curiosas, cheias de referências, e que passeavam pela história com facilidade e humor.

Podemos dizer que a moda sempre esteve presente na carreira de João Affonso, não só pelo fato de que ela era peça fundamental para escritores da geração realista, que descreviam em seus parágrafos todas as nuances de um traje, mas também pelo lugar que a moda tinha na caricatura do século XIX. Segundo Herman Lima, “de um modo geral, pode-se dizer que nenhum dos nossos pinta-monos foi indiferente a essas manifestações de jovial hostilidade ao belo sexo”<sup>19</sup>.

Interessavam aos caricaturistas todos os excessos que muitas mulheres cometiam em nome da moda vigente. Era na exploração do “ridículo” que os caricaturistas desenhavam a moda, além é claro, do papel que a moda tem como fator de diferenciação social, que não afeta apenas as mulheres.

É sobre o uso da moda como status entre os homens que em *A Flecha* será publicada em 1879 um ilustração de João Affonso com texto de Arthur Azevedo, mostrando *o Pelintra*, um “typo” conhecido que apesar de se vestir bem, não teria dinheiro algum, usando a moda como uma máscara para a ascensão social.

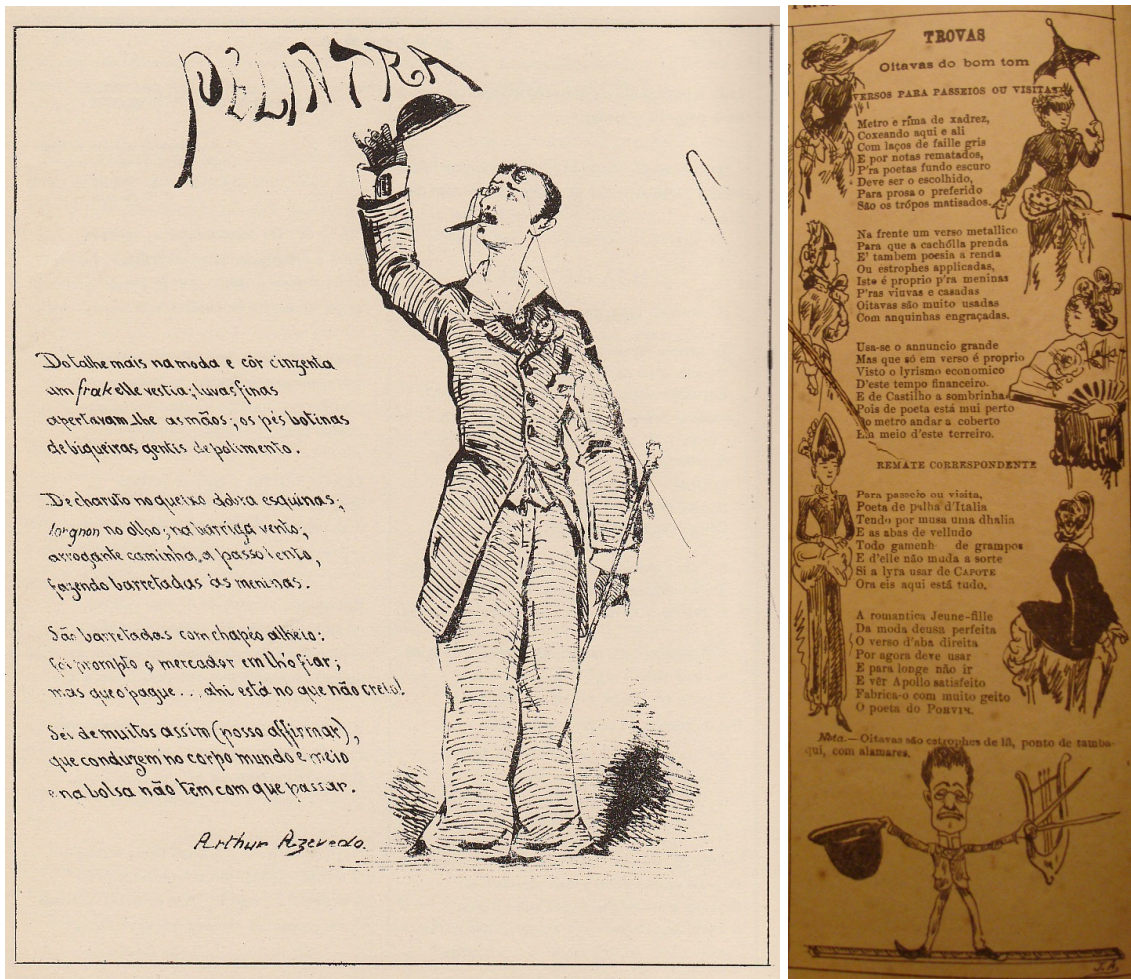
Cinco anos depois, n' *A Vida Paraense*, João Affonso mistura poesia e moda nas *Oitavas de Bom Tom*, um verso ilustrado com figurinos de época que mostra como a beleza da moda teria relação com a métrica da poesia.

Falar de moda em si não era tão comum ainda, mas a moda estava nos figurinos de teatro, nas fantasias de carnaval, e nos trajes dos diversos desenhos feitos por ele.

---

<sup>18</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque*, 2002.

<sup>19</sup> LIMA, 1963, Vol.2, p.448



Ilustrações: *Pelintra* (Revista A Flecha, 1879) e *Oitavas de Bom Tom* (A Vida Paraense, 1883).  
Fontes: SIOGE, 1980 e Acervo Pessoal – Flávio Nassar.

A moda como um assunto de discussão, de certa forma mais aprofundado, só chega na trajetória de João Affonso após sua viagem para a França em 1901. Ainda em Portugal, ao chegar, em uma de suas *Cartas de Longe* o intelectual discute as características do traje camponês, e já em Paris João Affonso se surpreende com o desenvolvimento da tecnologia para fabricação de seda artificial a partir de fibras de celulose apresentada em exposição do Grand Palais<sup>20</sup>.

Talvez o contato direto com a importância que a moda têm para a sociedade francesa, João Affonso tenha aberto seus olhos para esse campo de conhecimento, e assim a moda começou a figurar mais em seus textos. Em 1914, quando ele escreve *O Comércio das Modas*, João Affonso começa com o seguinte parágrafo:

Quem olha para o que se passa em torno de si sem o propósito de aprofundar as coisas, suporá, talvez, que umas tantas manifestações da atividade humana, por sua aparente inutilidade, por sua futilidade mesmo, não têm a importância precisa para serem tomadas em consideração<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> Folha do Norte, *Cartas de Longe*, 02 de agosto e 27 de dezembro de 1901.

<sup>21</sup> Folha do Norte, 12 julho 1914.



Apesar de o autor considerar a futilidade da moda como uma realidade, o que para Roland Barthes é um mito que atrapalhou bastante o desenvolvimento acadêmico dos estudos sobre moda<sup>22</sup>, João Affonso mesmo assim manifesta que a moda tem uma importância que merece ser estudada.

A moda, assim como Silvio Romero fala sobre a literatura, tem relação direta com todas as outras manifestações criativas de uma sociedade, e o cruzamento de informações é a base principal para a construção das idéias de João Affonso em seus textos, e em seu livro *Três Séculos de Modas*.

João Affonso, já no início do século XX, perderia todas as suas riquezas devido a problemas em sua firma comercial, motivo que o fez voltar à Belém, mas sua paixão por livros e periódicos colaborou para que o intelectual construísse um patrimônio intelectual muito mais importante.

Em 1914, no texto *Curriculum Vitae*, onde faz um percurso de sua carreira até o momento, João Affonso conclui: “Posso, pois, dizer que este é meu testamento, que à falta de bens da fortuna, e com um exemplo que me dignifica, lego com a minha biblioteca, a meus netos... para quando tiverem vinte anos”<sup>23</sup>.

Foi essa biblioteca, o grande patrimônio que João Affonso deixou e que segundo sua bisneta Maria Beatriz está espalhada pelas coleções pessoais de Flávio Nassar, Célia Bássalo e da Biblioteca Arthur Vianna, que construiu toda a obra de João Affonso, principalmente em seu livro *Três Séculos de Modas*, onde encontramos uma extensa bibliografia de publicações nacionais e internacionais como os livros *Costume in France* e *Um Siècle de Modes Féminines - 1794-189* e publicações como *L'illustration (1902-1915)*, *La Femme Chic à Paris (1915)*, *La Vie Parisienne (1882)*, *A Estação (1880-1898)*, *A Moda Elegante (1897)*, *Au Bon Marché – Novidades da Estação (1914-1915)* e *O Espelho (1915-1916)*.

O livro *Três Séculos de Modas*, que deveria ter sido publicado em 1916, data do tricentenário da cidade de Belém, acabou saindo apenas no ano de 1923, mas em 13 de maio de 1917 abriu na Associação de Imprensa uma exposição de João Affonso com 56 quadros em aquarela, nanquim e crayon mostrando as mudanças da moda entre 1616-1916. Na exposição, pioneira na cidade (talvez até os dias atuais), os convidados receberam uma *plaque* explicando todos os desenhos, que fizeram posteriormente parte da edição impressa do livro, e a idéia foi bem recebida pelos colegas do jornal *Folha do Norte*<sup>24</sup>.

Apesar das dificuldades, João Affonso não só conseguiu lançar seu único livro, e o primeiro sobre história da moda no país, mas também posicionou a moda dentro de um contexto de exposição artística inovador para o período, colocando-a como uma pauta de discussão para a sociedade intelectual.

É certo, depois de tudo o que vimos até aqui, que a formação crítica de João Affonso e sua curiosidade sobre os mais diversos assuntos foram de extrema importância para que o autor pudesse construir uma obra muito

---

<sup>22</sup> BARTHES, Roland. Inéditos Vol.3: *Imagem e Moda*, 2005, p.262.

<sup>23</sup> *Folha do Norte*, 24 maio 1914.

<sup>24</sup> *Folha do Norte*, *A exposição Joafnas na Associação da Imprensa*, 15 maio 1917.

interessante não só para a moda, mas para outras diversas áreas. Em um de seus textos, de 1909, João Affonso faz o seguinte questionamento:

Falta aparecer – assim me exprimo por não me constar que haja aparecido – o estrangeiro que trate do Brasil e do brasileiro sob outro ponto de vista, por exemplo do papel que nos está reservado na civilização universal, quando atingirmos o nosso completo desenvolvimento como sociedade policiada, atendendo aos antecedentes étnicos, os elementos heterogêneos da raça, e as suas tendências atuais. Seria, nesse caso, voltar aos primitivos métodos de ciência pura, com a diferença que em vez de historia natural, desta vez dar-nos-iam um pouco de historia social<sup>25</sup>.

Esse olhar para a sociedade brasileira, apesar de pouco explorado no livro *Três Séculos de Modas*, que se atêm mais fortemente as direções da moda impostas pela França na história, é uma das principais características do resto do trabalho de João Affonso, preocupado com o reconhecimento e desenvolvimento da sociedade brasileira. Assim como no pioneirismo como escritor de história da moda, talvez João Affonso não soubesse que também, em sua carreira, estaria fazendo uma “história social”.

Segundo Paulo Mendes o livro *Três Séculos de Modas* encerra culturalmente o século XIX. Ele é um retrato do que foi esse período de idéias e mudanças políticas, sociais e econômicas muito importantes, e curiosamente, é apenas uma parte da obra e da trajetória de João Affonso.

Resgatar a história de João Affonso, que deixou uma inegável contribuição para a imprensa como um cronista e historiador, é evidenciar toda a pluralidade dos intelectuais brasileiros do século XIX, resgatando a história do país e mostrando o quando a moda, como poucos ainda pensam, é um assunto importante já há muito tempo.

Por isso, nada mais gratificante que entender a cada percurso da pesquisa um pouco mais sobre uma pessoa que têm muita importância nesses dois contextos, João Affonso do Nascimento, o maranhense que foi carinhosamente adotado por Belém, e que mesmo tendo no Rio de Janeiro uma rua em seu nome, ainda merece muito mais respeito e reconhecimento.

Cultivando e amando as letras jornalísticas, o chorado morto foi uma das mais festejadas e luminosas penas que têm passado pela imprensa paraense. As suas crônicas, as colunas que escrevia, atraíam pelo brilho, pelo humor sadio que delas irradiava.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Texto *O que se diz de nós*. *Folha do Norte*, 12 dez 1909.

<sup>26</sup> *Folha do Norte*, Falecimentos, 18 maio 1924.

## Fontes Principais

### Periódicos Micro-Filmados

*Revista A Flecha*. Maranhão:Typ. Do Frias. 1879-1880. (Biblioteca Nacional)  
*Revista Amazônica*, Vol. 01. Belém. 1883. (Biblioteca Arthur Vianna)  
*A Vida Paraense*. Belém:Typ. do Livro do Commercio. 1883-1884. (Biblioteca Arthur Vianna e Acervo Pessoal Flávio Nassar)  
*Folha do Norte*. Belém. 1901-1902 / 1908-1915. (Biblioteca Arthur Vianna)

### Livros Publicados

SERVIÇO DE IMPRENSA E OBRAS GRÁFICAS DO ESTADO. *A Flecha*.  
Reedição Fac-similar. São Luís, Maranhão: Sioge, 1980.  
AFFONSO, João. *Três Séculos de Modas*. 2 ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976. Coleção Cultura Paraense – Série Ignácio Moura.

## Bibliografia

ANDRADE, Rita Morais de. **Boué Souers RG 7091: a biografia cultural de um vestido**. (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC, 2008.

ARAÚJO, Iramir. **Flechadas de ironia: o jornalismo satírico no Maranhão do século XIX**. Revista Cambiassu, Vol. XVII, n<sup>o</sup> 3. São Luis: UFMA, 2007. Disponível em:<[www.cambiassu.ufma.br/cambi\\_2007/iramir.pdf](http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2007/iramir.pdf)>. Acesso em 20.11.2009.

\_\_\_\_\_. **“A Flecha”**: O humor na imprensa maranhense. Anais do 4<sup>o</sup> Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. São Luís, 2006. Disponível em: <<http://comunicacao.feevale.br/redealcar/>>. Acesso em 20.11.2009.

BRÜSEKE, Franz. **A modernidade técnica**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.17 n<sup>o</sup>19. São Paulo, Junho 2002.

BASSALO, Célia Coelho. **O “Art Nouveau” em Belém**. Brasil: Célia C. Bassalo, 1984.

BARTHES, Rolando. **Inéditos vol.3: Imagem e Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARDOSO, Rafael (Org.). **Impresso no Brasil (1808-1930)**. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2009.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EL FAR, Alessandra. **O Livro e a Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

FERNANDES, Henrique Costa. **Administrações Maranhenses 1822-1929**. 3 ed. São Luís: Instituto Geia, 2003.

FERRETTI, Sérgio. **Negras Memórias**. Maranhão, 2007, p.02. Disponível em: <[www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Negras%20Memorias.pdf](http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Negras%20Memorias.pdf)>. Acesso em 18.11.2009.

FIGUEIREDO, Aldrin. **Os desfiles do passado nacional: pintura, moda e história da amazônia c.1916-1923**. XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, 2008.

FRIAS, J.M.C. **Memória sobre a tipografia maranhense**. 3 ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

GRUMBACH, Didier. **Histórias da Moda**. São Paulo: CosacNaify, 2009.

JOHNSON, Kim; TORNTORE, Susan; EICHER, Joanne. **Fashion Foundations: Early Writings on Fashion and Dress.** Oxford International Publishers, 2003.

MENDES, Paulo. *Notícia sobre João Affonso.* In: AFFONSO, João. **Três Séculos de Modas.** 2 ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976, p. 9-18

MINDLIN, José E. **Ilustração de livros e revistas no Brasil – aspectos parciais: 1875-1945.** In: The Journal Of Decorative and Propaganda Arts. Miami: The Wolfson Foundation, 1995.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira.** UFMG, 2009. Acervo da Biblioteca Virtual do Grupo de Estudos de Filosofia no Brasil. Disponível em:< [http://www.fafich.ufmg.br/fibra/bib/romero\\_historia.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/fibra/bib/romero_historia.pdf)>. Acesso em 20.11.2009.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle-Époque.** 2 ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão.** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa do Brasil.** 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas – A moda no século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições.** Tradução de Olívia Krähenbühl. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.